

SIOBHAN VIVIAN



**EU
E
VOCÊ
NO
FIM
DO
MUNDO**



**EU E VOCÊ NO
FIM DO MUNDO**

**EU
E
VOCÊ
NO
FIM
DO
MUNDO**

SIOBHAN VIVIAN

TRADUÇÃO DE GLENDA D'OLIVEIRA



Copyright © 2016 by Siobhan Vivian
Publicado mediante acordo com Folio Literary Management, LLC e
Agência Literária Riff

TÍTULO ORIGINAL

The Last Boy and Girl in the World

PREPARAÇÃO

Paula de Carvalho

REVISÃO

Cristiane Pacanowski

Juliana Werneck

ILUSTRAÇÕES E ARTE DE CAPA

Lucy Ruth Cummins

ADAPTAÇÃO DE CAPA E DIAGRAMAÇÃO

Julio Moreira | Equatorium Design

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

V843e

Vivian, Siobhan, 1979-

Eu e você no fim do mundo / Siobhan Vivian ; tradução Glenda
D'Oliveira. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Intrínseca, 2017.

368 p. : il. ; 23 cm.

Tradução de: The last boy and girl in the world

ISBN 978-85-510-0124-0

1. Romance americano. I. D'Oliveira, Glenda. II. Título.

16-38217

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

Para Vivi

**INSPIRADO EM
FATOS REAIS**

É impossível dizer o que há debaixo de mim, exatamente por qual parte de Aberdeen estou flutuando neste instante, mas ainda assim me debruço por sobre a borda do bote para tentar ver algo lá embaixo. Talvez o gazebo branco em frente à prefeitura, onde meus pais se casaram. Ou a gangorra na qual Morgan e eu ficávamos sentadas por horas a fio no verão após o oitavo ano, sonhando acordadas sobre como seria o ensino médio, a tábua do brinquedo tão estável e imóvel quanto um banco de praça, pois nós duas pesávamos exatamente quarenta e seis quilos. Quem sabe um dos flocos de neve de ouropel desgastados que passavam ano após ano nos postes de luz da Main Street, mas que de alguma forma ainda brilhavam quando acesos para as festas de fim de ano. Até uma porcaria de parquímetro me deixaria satisfeita. É esse o nível do meu desespero por algo real, um último marco concreto da minha cidade natal no qual possa projetar os sentimentos de adeus-para-sempre que entopem minhas artérias. Mas não faço ideia do lugar exato onde estou. Não consigo enxergar além do meu próprio reflexo na água turva.

— Parabéns, Keeley — diz o homem que pilota o bote salva-vidas, o xerife Hamrick. Eu tinha me esquecido de que estava ali.

Ele mantém uma das mãos no manete do motor barulhento e, com a outra, joga para mim uma jaqueta impermeável. Estou tremendo bastante, por isso a visto. Há um grande emblema da Guarda Nacional bordado no peito, pois, é verdade, ele não é mais xerife.

Acho que por causa da minha falta de resposta, ele resmunga:

— Você é oficialmente a última garota em Aberdeen.

Viro-me e procuro o bote que estava à nossa frente, transportando o último garoto, mas ele já desapareceu dentro do nevoeiro.

Quando volto à posição inicial, o xerife Hamrick está me encarando.

— Valeu a pena? — pergunta. Fica claro, pela maneira zelosa como fala, que realmente quer saber. Ele não entende.

Antes que eu possa responder, o rádio dele emite um ruído, transmitindo uma conversa séria. Policiais falando entre si em código. Não

consigo decifrar muita coisa além de que há dois jipes aguardando para nos levar embora. O xerife abaixa o volume. Observo enquanto ele tenta dissipar um pouco da tensão que o deixa tão rígido. Mexe o pescoço em movimento circular, estala os dedos.

— Não importa. Aberdeen está oficialmente acabada. Todo mundo pode seguir com a vida.

Meus arrepios ficam diferentes, mais intensos do que quando eram apenas causados pelo frio.

— Alguns de nós não querem seguir com a vida.

No início da semana, digitei meu endereço e não obtive nenhum resultado. Nada para o CEP, tampouco. Tive que procurar pela cidade mais próxima, Hillsdale, e usar o cursor para arrastar a imagem até o ponto onde nossa cidade deveria estar. As ruas onde meus amigos moravam, o campo de beisebol, o cinema. Até os lugares que ainda não haviam sido inundados apareciam tingidos de azul.

— Você vai pensar diferente quando for mais velha — diz ele, na defensiva e cheio de certeza.

Um barulho de atrito chama sua atenção. Ele desliga o motor e ergue a hélice da água. Uma camiseta que alguém jogara fora estava emaranhada nas pás, como uma água-viva feita de algodão.

Enquanto o xerife a desprende, olho fixamente para o horizonte, torcendo para que ele entenda a deixa e pare de falar. Uma brisa dispersa um pouco da névoa, e consigo ver alguns triângulos acima da superfície da água, os telhados das casas mais altas no vale. Não se manterão lá por muito mais tempo, agora que a barragem está acabada. Foco na casa mais próxima. Telhas brancas de bordas arredondadas, telhado de ardósia brilhante. Há algo familiar nele. Então, ao passarmos deslizando, a peça do quebra-cabeça de repente se encaixa com a outra que não consigo enxergar, que está submersa.

Não é tarde demais.

Levanto-me depressa. O bote balança, e o xerife quase cai.

— Preciso ir ali! Até aquela casa!

— Sente-se! — Ele ordena com tanta austeridade que obedeço imediatamente. — Você já está encrocada o suficiente, não acha? — O homem tira o boné e, expirando, enxuga a testa com a manga. — Veja bem, Keeley, não tenho mais a influência de antigamente. Estou ocupan-

do um cargo novo agora. Se alguém vier me perguntar, e é bem possível que venham, vou responder que você é uma boa menina, que só acabou ficando...

Meu coração acelera tanto que as batidas se mesclam em um zumbido contínuo.

— Xerife, por favor. Por favor. Eles nunca vão deixar que eu volte. E, mesmo se deixassem, já teria desaparecido. — Abro um sorriso brincalhão, torcendo para convencê-lo com meu charme. — Será que a última garota de Aberdeen não merece um último favor? — Eu costumava ser boa nisso. Mas não demora muito até o sorriso ceder. Um deslize, e toda a atuação desmorona. Meu lábio inferior treme. Os olhos se enchem de lágrimas. — Uma pessoa muito importante para mim morava naquela casa, e é a última vez que vou vê-la. — Faço um esforço para engolir em seco. — Sei que preciso desapegar. Sei que acabou. Só que é tão, tão difícil. — Enxugo os olhos. — Você, mais que ninguém, precisa entender.

O xerife de repente não consegue mais me encarar. Solta um suspiro longo. Depois de olhar para os dois lados a fim de garantir que estamos a sós, ele desliga totalmente o rádio.

— Nenhuma palavra sobre isso para ninguém, entendeu? Estou falando sério.

Esfrego os olhos com as costas da mão e faço que sim com a cabeça, veemente e depressa.

Ele muda nossa rota, guiando o bote na direção que estou apontando, desviando com cuidado de toda a porcaria aleatória que flutua à volta. Almofadas de sofás, potes fechados, cadeiras de jantar, caixas de correio. Os destroços e as ruínas de vidas abandonadas.

Quando nos aproximamos o suficiente da casa, pressiono a mão contra a janela arredondada e olho para dentro do sótão, o quarto de Morgan, pela última vez. O cômodo onde costumávamos dormir até tarde todo sábado é agora um copo meio cheio de água turva.

O xerife Hamrick liga uma lanterna e a entrega a mim.

— Está procurando alguma coisa específica?

Tremo tanto que o facho de luz passa por todos os cantos do quarto exceto aquele que quero iluminar. Não respondo, mas estou, sim. Procuo uma carta que foi deixada para mim, cuidadosamente guardada

dentro de um Ziploc e presa com fita adesiva a uma das pás do ventilador de teto do quarto da minha melhor amiga.

O último ano do ensino médio deveria ter sido o momento de dar adeus a Aberdeen, porém não para sempre. Estava decidida a ir para Baird, a opção de universidade menos cara do estado, a menos de cinquenta quilômetros de casa. Eu voltaria durante as férias de final e meio de ano, assim como provavelmente em alguns fins de semana aleatórios para lavar roupa e reencontrar Morgan e quem mais estivesse na cidade. Claro, isso só seria possível se eu conseguisse uma bolsa de estudos que cobrisse os custos de alojamento. Senão, eu ficaria indo e vindo, dormindo em meu antigo quarto todas as noites.

Por isso, talvez eu não devesse ficar surpresa com quanto sinto saudade de tudo. Até das coisas que me enlouqueciam. Como o sinal vermelho da Main Street que jamais parava de piscar, nosso primeiro e único sinal de trânsito. Parecia tão completamente desnecessário. A maioria das pessoas o ultrapassava. Mas aposto que, se um dia for morar do outro lado do mundo, aquele sinal vai piscar em vermelho por trás de minhas pálpebras sempre que eu as fechar e isso vai me reconfortar.

Embora aquela primavera tenha representado o fim de Aberdeen, vou sempre me lembrar dela como uma época repleta de começos. E não apenas para mim. Para todos nós. As coisas ao redor estavam mudando, é claro, mas nós também estávamos, e não podíamos mais fingir o contrário. Talvez seja isso o que acontece quando alguém de repente se flagra vivendo em uma velocidade de dobra espacial, tentando aproveitar as coisas ao máximo antes que tudo o que é familiar resvale para baixo d'água.

Mas logo que a chuva começou a cair, não enxergamos o panorama completo. Nem mesmo quisemos. Essa era uma preocupação para nossos pais. Nós tínhamos dezesseis, dezessete, dezoito anos e estávamos focados em coisas mais empolgantes, como quantos dias faltavam para o fim das aulas. No Baile de Primavera e no que íamos vestir.

Quando tudo começou, eu só me importava em conseguir beijar Jesse Ford.

Domingo, 8 de maio

Nublado, com pancadas de chuva à tarde, 9°C

Eu adorava dias chuvosos. O conforto de se esconder dentro de um suéter folgado. De meias grossas e galochas. De se aconchegar com a melhor amiga para compartilhar o guarda-chuva pequeno demais dela. O jeito sonolento, preguiçoso como um dia pode passar quando não há um único raio de sol no céu.

Isso foi antes de Aberdeen registrar sua primavera mais úmida. Depois de três semanas ininterruptas de chuva, eu estava a ponto de jogar as provas finais para o alto e me mudar para o deserto do Saara. O clima não havia atingido proporções bíblicas. Tivemos duas tempestades fortes, não uma longa e infundável monção. Em alguns dias apenas chuvia, em outros, garoava. Mas o ar estava sempre úmido e atipicamente frio. Eu me cansara de vestir roupas em camadas. Segundas peles térmicas sob a calça jeans, camisetas sob camisas de botão e casacos de capuz, meias-calças ou leggings por baixo de vestidos e cardigãs. Tudo aquilo me engrossando como se meu corpo inteiro fosse um calo, enquanto as gavetas da cômoda continuavam cheias de roupas primaveris cuidadosamente dobradas que eu estava louca de vontade de usar. Na verdade, a maioria dos alunos ainda usava casacos de inverno para ir à escola, mesmo que estivéssemos no começo de maio. Naqueles primeiros dias, me lembro de ter a sensação de que esse detalhe, mais do que todo o resto, estava errado.

Por isso, foi muito agradável acordar com a luz do sol na manhã em que o clube de serviços comunitários da escola saíria para ajudar a escorar as margens do rio com sacos de areia. Em especial porque as previsões meteorológicas já estavam antecipando a chegada de uma série de tempestades intensas para o final da semana, supostamente a pior até então.

Na verdade, a primeira coisa que vi ao abrir os olhos foi um arco-íris. Não um real, mas ilustrado em um adesivo que eu colara na parte interna da cúpula do abajur de Morgan um milhão de anos atrás. Antes, tudo no quarto dela era coberto por adesivos — as paredes, o espelho, a porta do closet. Com o tempo, ela os havia descolado, embora os contornos de cola grudenta tenham ficado, feito sombras permanentes. Mas ela nunca encontrou aquele do abajur, e eu gostava do fato de ele continuar ali.

Ergui a cabeça do travesseiro. Morgan já estava no chuveiro. Esperei até ouvir a água ser desligada antes de sair da cama. Estava frio e cedo demais para que eu me desse ao trabalho de trocar de roupa, por isso enfiei o sutiã pelos buracos das mangas da camiseta que usei para dormir e me certifiquei de que minha legging não estava frouxa demais na altura da bunda para ser usada em público. Em seguida, estiquei o braço para o lado da cama no qual Morgan dormia, peguei uma de minhas meias do aquecedor e apertei. Ainda não estava totalmente seca, mesmo depois de uma noite inteira assando sobre as espirais aquecidas.

Morgan entrou apressadamente no quarto, de sutiã e calcinha, com uma toalha enrolada nos cabelos. Desde que os pais haviam se divorciado e o pai tinha saído de casa, ela não usava mais seu roupão. Ou talvez tenha sido desde que começou a ficar com garotos. Eu não tinha certeza.

— Vou pegar um par de meias emprestado, tudo bem?

Ajoelhei-me diante do cesto de roupa limpa.

Ela estremeceu enquanto vestia a calça jeans.

— Quer uma blusa extra também? — perguntou, puxando da cômoda uma segunda pele térmica branca com estampa de pequenos botões de rosa amarelos e me oferecendo.

Balancei a cabeça.

— Estou com meu moletom. E, quando começarmos a trabalhar, aposto que vamos suar.

Eu estava ansiosa por isso, ficar ao ar livre sem sentir frio.

Morgan vestiu a blusa e sentou-se de qualquer jeito à escrivaninha, usada mais para maquiagem e coisas de cabelo do que para estudo ou deveres de casa. Tirou a toalha da cabeça. Os cabelos eram de um castanho tão escuro que pareciam negros quando molhados, e ela mal os penteou antes de enrolá-los em um coque alto. Eram tão volumosos

que ela precisava usar três elásticos para prendê-los, e eu sabia que o centro daquele nó não chegaria a secar, nem mesmo até a manhã seguinte. Logo depois, Morgan se recostou e encarou seu reflexo por alguns segundos silenciosos. Quando notou que eu estava olhando, deu uma risadinha e disse:

— Acho que uma das coisas boas em ter um ex de um relacionamento a distância é que não preciso me preocupar com a possibilidade de encontrá-lo por acaso em Aberdeen.

Fui até ela de joelhos e apoiei a cabeça em seu colo.

— Com sorte, ele morre logo, aí você nunca mais vai ter medo de encontrar com ele em lugar nenhum! Você deveria tentar rezar para isso da próxima vez que for à igreja — falei de forma meiga.

Morgan arfou com horror e empurrou meus ombros, me jogando para trás sobre o carpete.

— Meu Deus, Keeley! Isso é horrível! Como você pode dizer uma coisa dessas?

Mas Morgan ria, porque sabia que eu estava brincando. Eu sempre dizia loucuras como aquela, levava tudo longe demais. *Longe demais* era minha configuração padrão.

Balancei insanamente os braços e as pernas como se fosse uma tartaruga de barriga para cima que não conseguia se virar.

— Porque é para isso que servem as melhores amigas!

Morgan tinha um leve sorriso no rosto ao estender a mão para me ajudar a levantar.

— Vou mandar uma mensagem para Elise dizendo que chegaremos daqui a pouco.

Enquanto isso, tirei do cesto uma meia pêsego com listras lilás, mas não consegui encontrar o outro pé. Fui até a cômoda e abri a gaveta de cima.

Precisei vasculhar um pouco até encontrar. Estava sob uma galinha de pelúcia cujas asas ficavam coladas ao redor de um ovo de plástico. Tinha vindo com um chocolate em formato de coração dentro. Morgan o dividira comigo no caminho de volta para casa depois de passarmos o fim de semana de Páscoa com Wes. Era chocolate ao leite com crocantes de arroz, meu favorito. Nós comemos todo o chocolate e colocamos a galinha empoleirada no painel do carro, os olhos esbugalhados balançando a cada buraco na estrada.

Wes dava a Morgan uma tonelada de presentinhos como aquele o tempo inteiro — cartões cafonas, rosas de seda, chaveiros, perfumes, doces. Elise dizia que aquilo mostrava como ele era um bom namorado, embora eu duvidasse de que tivesse pagado por qualquer um daqueles itens, já que os pais dele eram donos de uma farmácia. Antes do término, Morgan deixava os presentes expostos por todo o quarto. Quando desapareceram, presumi que os tivesse jogado fora. Mas lá estavam eles, entulhados dentro da gaveta. Fiquei examinando-os até Morgan largar o celular, então fechei a gaveta depressa.

— Você não acha isso um exagero enorme? — indagou ela, com metade do corpo sob a cama, tentando alcançar as galochas. Não tinha certeza se ela sabia o que eu tinha acabado de ver. Certamente não seria eu a comentar. — Tipo... entendo que esteja prevista uma tempestade absurda, mas Levi pedir ao clube para sair numa manhã de domingo e empilhar um monte de saco de areia me parece loucura.

O pensamento também me ocorrera. O rio transbordava pelo menos algumas vezes em todas as primaveras, e, mesmo com a chuva que já caíra, não tinha havido qualquer desastre. Quem morava mais perto das margens sabia que era preciso tomar certas precauções quando a previsão fosse de muita chuva, como estacionar os carros em locais mais elevados e levar quaisquer móveis externos para dentro de casa. Era mais inconveniente do que perigoso.

— É — respondi. — Além do mais, Levi não *pediu*. Ele basicamente *exigiu*. Eu o teria mandado para aquele lugar se não tivesse certeza de que ia me expulsar por insubordinação ou algo do tipo.

Nosso colégio não tinha muitos clubes, por isso eu precisava ter o de serviços comunitários listado em minhas inscrições para as faculdades. Estava até considerando me candidatar à presidência no ano seguinte, porque meu orientador dissera que a diretoria de admissão tendia a dar preferência a candidatos que mostravam capacidade de liderança em vez de àqueles que apenas participavam de uma porção de atividades.

— Eu não duvidaria — concordou Morgan, retorcendo a boca. — Ele é um horror.

— Bom, prefiro pensar assim: se o rio *realmente* transbordar, vamos ter feito nossa parte para proteger a propriedade na praia que um dia vamos herdar.

Morgan sorriu, virando-se para me encarar.

— Mais trinta e dois dias até estarmos oficialmente no terceiro ano.

— Mais trinta e dois dias — repeti, tão animada quanto ela.

Naquele momento, Wes era o único obstáculo que poderia impedir Morgan e eu de passar outro verão maravilhoso juntas. E não importava que ela mantivesse toda aquela tralha dele escondida na gaveta, Wes continuava sendo, ainda bem, o ex.

Nos velhos tempos, Aberdeen era essencialmente um destino de férias para os moradores ricos de Waterford City, a menos de cinquenta quilômetros seguindo o curso do rio. A cidade era repleta de cabanas e chalés de veraneio e bosques de pinheiros. As pessoas nadavam no verão, esquiavam e patinavam no gelo no inverno. Meu pai tinha até um cartão-postal vintage que retratava os visitantes de roupas de banho antiquadas, sombrinhas listradas e cadeiras de praia, aproveitando nossa bela zona ribeirinha.

Um século depois, os alunos do último ano do Colégio de Aberdeen ainda nadavam no mesmo local onde os turistas outrora se apinhavam, onde a margem se estendia tão vasta e reta quanto uma praia, com direito a areia reluzindo à luz do sol e tudo. Aquele não era o único local para mergulho em Aberdeen, mas era o melhor. Só não continuava tão perfeito quanto o cenário do antigo cartão por causa da madeira abandonada no fim da praia.

O lugar designado aos alunos do segundo ano, onde passei praticamente todos os dias do último verão, ficava a quatrocentos metros do ponto dos estudantes mais velhos, seguindo para cima. A areia lá não era pura feito a outra, mais como uma mistura de areia e terra e agulhas de pinheiros. Era necessário manter sempre uma toalha estendida, mas era agradável mesmo assim. Pendurado em um galho gordo que crescia em direção à água, havia um balanço de corda. Não sei ao certo quem o amarrara. Estava lá desde sempre.

No verão anterior, praticamente nenhuma garota tentou usá-lo. Tinham medo de que a corda arrebentasse, ou que os sutiãs dos biquínis saíssem quando elas mergulhassem. Mas, depois de alguns balanços no primeiro dia de sol, eu já pegara o jeito. Em que nó firmar as mãos, em que momento soltar a fim de cair na parte mais profunda do rio, onde a água era mais fria. Criei até o hábito de gritar algo idiota para fazer

todos rirem sempre que eu saltasse. Teve uma vez, por exemplo, que berrei “Superabsorção!”, pois Elise acabara de admitir que uma vez usou um absorvente interno e outro externo para nadar durante um retiro da igreja, com medo de sua menstruação vazar dentro d’água. As outras garotas não tinham ideia do que eu estava falando, mas riram mesmo assim. Os garotos balançaram a cabeça ou resmungaram. Nunca sabiam direito o que pensar de mim.

Os alunos do nono ano do fundamental e do primeiro do ensino médio ficavam relegados a um local ainda mais para cima, próximo ao viaduto da autoestrada. Eles precisavam arrancar ervas daninhas para liberar espaço para suas toalhas e catar o lixo que as pessoas jogavam ao passar de carro. Como se não fosse ruim o suficiente, ainda havia uma infinidade de plantas, juncos gosmentos e outras porcarias que ninguém gostaria de tocar ao nadar.

Enfim, foi para lá que pediram que fôssemos para a missão dos sacos de areia.

Morgan estacionou perto do viaduto, e seguimos o fluxo de alunos em direção a dois caminhões cheios de sacos e um amontoado de voluntários cuja quantidade aumentava rapidamente. Estava óbvio que outros grupos escolares tinham sido convocados a ajudar. Adultos também compareceram. Pais, policiais de folga, meu professor do segundo ano do fundamental, Sr. Gunther. Até o prefeito Aversano compareceu, vestido como um completo idiota, de camisa e calça sociais, os cabelos penteados para trás com gel. Teve bom senso o suficiente para trocar os sapatos sociais por botinas, mas ainda assim me fez revirar os olhos.

Precisamente às sete e meia, o xerife Hamrick subiu em uma das câmbas de caminhão, acionou o megafone e pediu a todos que se aproximassem. Em seguida, estendeu a mão ao prefeito, que também subiu, fazendo o tecido da calça se esticar perigosamente ao redor da bunda no processo. O prefeito pegou o megafone e começou a falar, mas ninguém conseguia ouvi-lo. O xerife precisou se aproximar e mostrar que botão apertar para fazer o aparelho funcionar.

Ri. Alto. Morgan tapou minha boca com a mão.

— Obrigado a todos por virem. Obviamente, estamos torcendo para que as previsões meteorológicas estejam erradas, como costumam estar cerca de noventa e oito por cento das vezes.

“LOGO QUE A CHUVA COMEÇOU A CAIR, NÃO

enxergamos o panorama completo. Nem mesmo quisemos. Essa era uma preocupação para nossos pais. Nós tínhamos dezesseis, dezessete, dezoito anos e estávamos focados em coisas mais interessantes, como quantos dias faltavam para o fim das aulas. No Baile de Primavera e no que íamos vestir.

Quando tudo começou, eu só me importava em conseguir beijar Jesse Ford.”

